

CORREIO NO MUNDO

Presidência de Venezuela



Delcy Rodríguez assumiu a presidência interina do país

Delcy: 'Não há agente externo governando a Venezuela'

A líder interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, afirmou nesta terça (6) que nenhum "agente externo" governa o país após a captura de Nicolás Maduro em uma operação militar dos EUA. "O governo venezuelano governa o nosso país, ninguém mais. Não há nenhum agente externo governando a Venezuela", declarou, em um pronunciamento televisionado. Sua liderança começou sob pressão de Donald Trump, que afirmou controlar o país.

Delcy enfrenta agora a dura tarefa de atender às demandas dos Estados Unidos e reorganizar o chavismo sem Nicolás Maduro. O ditador deposto no sábado (3) foi preso junto com a primeira-dama, Cilia Flores, sob acusações de narcotráfico, e enviado a uma prisão em Nova York.

Acompanhada pelo filho de Maduro

Rodríguez, que era vice de Maduro, tomou posse no Parlamento na tarde de segunda-feira (5) e se disse leal a Maduro. Delcy fez seu juramento a seu irmão e presidente da Assembleia Nacional, Jorge Rodríguez, e acompanhada pelo filho do ditador, o deputado Nicolás Maduro Guerra -em uma demonstração de apoio da família do ditador ao governo interino e também em uma tentativa do chavismo de demonstrar coesão.

Prensa Presidencial de Venezuela



Delcy Rodríguez teve conversa com Donald Trump

Visita ao túmulo de Hugo Chávez

Em busca desse simbolismo, Delcy encerrou sua agenda oficial com uma visita ao túmulo de Hugo Chávez logo após assumir o cargo. Quase ao mesmo tempo em que ela era empossada, durante uma audiência em Nova York, o homem que conduziu a Venezuela se declarou inocente das acusações, disse se considerar um prisioneiro de guerra e afirmou que é o presidente da Venezuela. Mas cabe a Delcy agora enfrentar desafios internos no chavismo e as pressões de Trump, que alertou que Rodríguez pode sofrer consequências graves, caso não tome decisões alinhadas aos EUA.

Delcy conversou com Donald Trump

Antes da posse, Rodríguez se dirigiu a Trump pedindo uma relação equilibrada entre Estados Unidos e Venezuela. Do ponto de vista econômico, os setores petroleiro e de mineração contam com uma facilitação da entrada de empresas norte-americanas. Também cresce a expectativa de liberações de políticos presos para facilitar negociações.

Por Douglas Gavras (Folhapress)

Assassinato

O presidente do Grupo Corona, José Adrián Corona Radillo, foi encontrado morto no município de Atenguillo, no interior do México, após ter sido vítima de sequestro. A informação foi divulgada pela Promotoria do Estado de Jalisco no fim de dezembro, no dia 29, e repercutida por jornais mexicanos.

Sem informações

Até o momento, não há informações sobre os responsáveis pelo assassinato. Após a localização do corpo, a Promotoria informou que seguirá com as investigações para esclarecer o homicídio. Corona foi sequestrado no dia 27, quando viajava pela região próxima a Puerto Vallarta com a esposa e os filhos. A família não foi levada.

Força de paz

Em uma vitória para Volodimir Zelenski, os governos da França e do Reino Unido assinaram um acordo com a Ucrânia para enviar uma força de paz ao país conflagrado caso haja um cessar-fogo com a Rússia. A proposta, porém, precisa do apoio dos EUA, que segundo o plano serão os fiadores militares do arranjo.

Ceder à Rússia

Os EUA também serão os monitores dos termos de uma trégua entre russos e ucranianos. Além disso, a Ucrânia terá de ser engolida pelo governo de Putin, que rechaça liminarmente a possibilidade de ver soldados da Otan no vizinho. A invasão foi disparada pelo risco percebido em Moscou de que Kiev ia ingressar na aliança militar ocidental.

Anúncio na terça

O anúncio foi feito em Paris, onde ocorreu uma reunião da Coalizão dos Dispostos, países que apoiam o esforço de guerra de Kiev. Os EUA estavam presentes, e as discussões seguirão nesta quarta (7). Segundo o negociador-chefe americano, Steve Witkoff, "os protocolos de segurança" para o pós-guerra estão "quase todos finalizados".

Termos do acordo

Ele não confirmou nem negou os termos propagandeados pelos europeus. Witkoff preferiu falar que "estamos dispostos a fazer tudo pela paz" e enfatizar o aspecto do "acordo de prosperidade" após o conflito, uma referência a negócios potenciais para os EUA.

Por Igor Gielow (Folhapress)



Mette Frederiksen recebeu apoio público da União Europeia

UE defende Groenlândia de ameaças de Trump

Europa sai em defesa da Groenlândia contra os EUA

Por Igor Gielow (Folhapress)

A população da Groenlândia é soberana para decidir seu futuro político, e o território do Ártico é parte da Otan que deve ter sua integridade respeitada segundo preceitos da Carta da ONU.

As afirmações estão em um comunicado conjunto de líderes da União Europeia, que reagiram nesta terça-feira (6) à nova investida do presidente americano, Donald Trump, sobre a ilha que é integrante autônoma do Reino da Dinamarca - 1 dos 32 membros do clube militar ocidental, liderado de forma hesitante pelos Estados Unidos.

"A Groenlândia pertence a seu povo. Cabe apenas à Dinamarca e à Groenlândia decidir sobre assuntos envolvendo a Dinamarca e a Groenlândia", disse o texto conjunto dos governos da França, Alemanha, Itália, Espanha, Polônia, Reino Unido e Dinamarca.

"A Otan já deixou claro que o Ártico é uma prioridade, e os aliados europeus estão reforçando sua presença e investimentos lá", afirmou o texto, em resposta à insinuação do republicano de que a ilha está desprotegida.

No domingo (4), um dia depois de atacar a Venezuela e capturar o ditador Nicolás Maduro com sua esposa, Trump afirmou a repórteres no avião presidencial que "nós precisamos da Groenlândia do ponto de vista de segurança nacional".

Não é a primeira vez que ele toca essa tecla. Desde que voltou ao poder, há quase um ano, Trump fala insistentemente na necessidade de tomar o território dinamarquês, gerando uma crise política com seus desconfiados aliados europeus.

Aos poucos, o tema saiu do radar, dada a balbúrdia geopolítica sob sua Presidência, de Gaza à Ucrânia, passando por guerra tarifária e pela reformulação de prioridades domésticas. Em dezembro, o assunto foi retomado quando Trump tomou a criticada decisão de nomear um enviado político para a ilha.

A ação bem-sucedida do ponto de vista militar do sábado (3) em Caracas reativou de vez a obsessão do presidente. Ela se encaixa nos termos da nova Estratégia de Segurança Nacional dos EUA, que retoma com referência literal a ideia de aplicar a força para fazer valer a Doutrina Monroe de 1823, que defendia a hegemonia hemisférica americana.

A primeira-ministra dinamarquesa, Mette Frederiksen, havia dito na segunda (5) que qualquer ataque americano à ilha significaria "o fim da Otan". Membros da aliança já se estranharam militarmente, como a Grécia e a Turquia, mas nunca houve uma ameaça do criador do grupo a um colega.

Diferentemente da Venezuela e seu petróleo, os interesses na ilha congelada do Ártico são diversos.